

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

S. GUALTER DE GUIMARÃES. ENSAIO BIOGRÁFICO.

GONÇALVES, Aloísio Tomás

Ano: 1930 | Número: 40

Como citar este documento:

GONÇALVES, Aloísio Tomás, S. Gualter de Guimarães. Ensaio biográfico. *Revista de Guimarães*, 40 (3-4) Jul.-Dez. 1930, p. 108-113.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

S. Gualter de Guimarães

Ensaio biográfico

(Cont. da pág. 25)

Não eram, como já se advertiu, pingues os rendimentos da Irmandade de S. Gualter. O seu pequeno capital provinha principalmente das entradas ou recepções para irmãos.

Eram estes obrigados, ao inscreverem-se nos registos, a pagar uma pequena cota, variável segundo as idades e o sexo do entrante; nunca, porém, esta cota foi muito alta, como dos livros competentes consta, e os leitores podem ajuizar pelo facto de, em ocasião em que à minguia de recursos a Irmandade definhava, se verem os Mesários na necessidade de «*levantar as entradas*», como se vê pelo «*termo*» de fol. 42, v., cujo só encabeçamento trasladamos, e é como segue :

**«Termo por onde a Meza e Irmandade
determinarão que as Entradas dos Irmãos
fossem da quantia de nove centos e seçenta reis.»**

Ainda outra fonte de receita eram as eleições dos Irmãos para os cargos da Fraternidade.

Estas eleições procediam do modo seguinte: Em Assembleia Geral eram nomeados uns tantos irmãos *eleitores*, a quem competia depois eleger sujeitos que julgassem idóneos para os ditos cargos. Isto provavelmente para evitar as disputas e distúrbios, que não raro se dão em assembleias eleitorais.

A fol. 3, v., vem a êste respeito um assunto interessante e que por isso trasladamos :

Termo de lleitos que hão de lliger a nova meza q. ha de servir Ao Sr. Sam Gualter; para o anno de 1797 annos.

Aos 6 dias do mes de Agosto de 1796 e Nesta Igr.^o do Convento de S. Françisco desta Villa de Guim.^{ez} Estando em meza o Juis e mais vogais della, Sendo convocados a Som de Campa tangida na forma do Costume para se proçeder a lleição de lleitos para estes lligerem a nova meza que ha de Servir nesta Santa Irm.^{de} p.^a o anno de 1797 a. e proçedendoçe a votos com as Solenidades do Costume; Sahirão para lleitos os nossos Irmaos Seguintes a Saber:

*Bento Rib.^{ro} Gomes
Manoel Joze da Rocha
Joze Antonio de Sz.^a Lixa
João de Passos Lima
Christovão de Crasto Dias
Joze da Costa na Alfandega*

E logo sendo chamados; para o dito efeito de lligerem, a nova meza, proçederão a lleiçam da nova meza e para Constar mandarão fazer o prezente Termo; que asinarão G.^{es} era ude supra.»

E a seguir o

Termo de lleiçam da nova meza q. hade Servir nesta Santa Irm.^{d.} p.^a o dito anno de 1797 a. a que proçederão os nossos Irmaos lleitos, retro declarados:

Aos mesmos 6 dias do dito mes de Ag.^{to} de 1796 a. nesta dita Igr.^o Forão Sullenemente lligidos p.^a lleitos os nossos Irmaos retro declarados p.^a Efeito de hiligerem a nova meza q. ha de Servir Ao Sr. S. Gualter para o ano vindouro de 1797 a. os quais proçedendo a lleiçãom Com

*as Solenidades do Costume por votos de fabas brancas e pretas Sahirão por mais votos os nossos Irmaos Seg.^{tes}
A saber*

Para Juiz: *Fr. Joze de N. Sr.^a da Ajuda* — pg. 2700.

Para Secretario: *Joze Antonio de Sz.^a m.^{cor}* — pg. 1\$200.

Para Thesoreiro: *Manoel Joze Padeiro na Rua Nova* — pg. 600.

Para Procurador: *João Antonio Md.^{cz} Caixr.^o de P.^o Alex.^o* — pg. 480.

D.^a Mordomo da Sera: *Antonio Joze Ribr.^o rua de S. F.^{co}* — pg. 240.

Mordomos vagos: *Thomaz Antonio Ribr.^o em S.^{ta} Cruz, M.^{cl} Joze da Costa Braga* — pg. 120, *Antonio Friz.^r Cortidor* — pg. 240, *Manoel S. Mendes de velem* — pg. 240.

Para Juiza: *Catharina Pr.^a Pinto m.^{er} do Irmão Fran.^{co} Jose Lopes mercador* — pg. 1\$200.

Mordomas: *Anna M.^o m.^{er} do Ir. Fran.^{co} Gomes Durais* — pg. 120, *Josefa Maria m.^{er} do Ir. M.^{cl} Joze da Rocha* — pg. 120, *Maria Luiza m.^{er} do Ir. Bento Joze Alfaate* — pg. 120, *Joanna Maria m.^{er} do Ir. J.^e Antonio de Freitas Barbeiro* — pg. 120.

E nesta Forma Ouveram esta lleição de nova meza por bem feita e colocada e para que se observe mandaram fazer o presente que assignarão em meza era ude supra etc.»

O livro donde extraímos estes termos é assim rotulado:

«Libro que á de Servir p.^o nelle se lançar as Illeis-soiz dos Irmãos em todos os annos p.^o servirem ao Millagrozo o Sr. S. Gualter o coal tem o Seu prencipio em Domingo 2 de Agosto do Anno de 1795 ans.»

*

Havia ademais as esmolas dos fiéis, umas espontâneas, outras em satisfação de promessas por beneficios recebi-

dos. Vimos atrás que as desta natureza abundavam antigamente. Hoje ainda há vestígios delas num ou noutro *ex-vofo* de cera suspenso junto da urna do Servo de Deus.

A 27 de Agosto do ano de 1622 — no qual, como já dissemos houve um grande recrudescimento de devoção ao milagroso discípulo de S. Francisco — foi pelo capitão Francisco Vieira de Lima, natural de Guimarães, e a êsse tempo residente em Angola, oferecida uma lâmpada de prata, como consta duma nota do tabelião vimaranense João de Abreu *«pela devoção que tinha [o dito capitão] a S. Gualter frade professo da ordem do Seraphico Padre S. Francisco e porquanto os ossos do dito Santo que estão na capella que tem neste convento de S. Francisco onde Nosso Snr. Jesus Christo pelo merecimento d'este Santo tem obrado e obra cada dia muitos milagres e para que seja mais venerado.»* Pesava a lâmpada 14 marcos e 4 oitavas.

*

Noticiámos já como eram despendidos os rendimentos da pobre Irmandade e como generosamente, apesar de mui parcamente, concorria para qualquer despesa de utilidade pública.

Memorámos também quais os seus encargos internos: festa e adôrno do altar do Santo; assistência a procissões e enterros, tanto dos seus Irmãos como dos indivíduos pertencentes a outras Irmandades; Missas e sufrágios mortuários, etc.

Como curiosidade damos do cumprimento dêste último encargo um exemplo de *atestado*. Assim pois no *L.º das Missas* fol. 2, lê-se: *Fr. Joaquim J.º do Amor Divino Religiozo de S. Fran.º, certifico em como disse seis Missas pella alma de Pedro da S.ª Oleiro, de Esmola de cento e vinte reis as quaes me mandou dizer Torcato Mendes G.º, — como Thezoureiro da Irm.º de S. Gualter — e por ser verd.º e estar satisfeito pasei esta q. sendo nese-sario juro* **In Sacris.**

G.º 25 de Agosto de 1801

Fr. Joaq.º J.º do Amor Divino.

E ainda outro firmado por um *baxarel* coimbrão, que é um modelo no género :

José Fran.^{co} Ribr.^o Presbitro e Baxarel formado pella Unid.^e de Coímbra. Certifico em como disse doze Missas, a saber seis pela alma de José Rib.^o falecido na cid.^e de Braga, e seis pela alma de Maria Benta falecida nesta villa, cada hua de esmola de 120 R, as quaes mandou dizer o Sen.^{ro} (?) Trocato Mendes, Thez.^o da Irm.^{de} de S. Goalter; por estarem ditas, passei esta que sendo nesar.^o juro in Sacris.

Guim.^{es} 20 de Marco de 1802.

E terminamos as citações por esta preciosa antigualha do laureado *baxarel*, acrescentando termos chegado ao fim do nosso estudo.

*

Não é evidentemente um ensaio biográfico, a série de artigos que acabamos de publicar, porque tal se não pode chamar, senão imprópriamente, o que através dos vários escritos que consultámos, dos documentos que coligimos, da numerosa e rica iconografia que se nos deparou — obtivemos. Conseguimos, sim, as claras e exuberantes provas da encendrada devoção e culto religioso, que durante séculos, ininterruptamente, desde a sua morte até hoje, o povo de Guimarães lhe vem consagrando. Mas biografia? Quem lha poderá nunca tecer? ¿Quem poderá afeiçoar em letra humana a vida santa, recatada e humilde do varão justo que plantou nesta boa terra de Portugal a árvore de frutos gloriosos da Religião Seráfica? Viveu longos anos, exercendo um apostolado mais de obras humildes que dão glória a Deus sòmente, do que brilhantes feitos, ou milagres estrondosos, que podem, se o homem se descuida, transformar-se em fumo venenoso que matam a santidade. Vida santa, em Deus recolhida, e no serviço de Sua Divina Majestade empregada, perdeu-se nos fulgores da própria santidade, de modo que nós os deslumbrados mortais, que na claridade intensa ainda menos enxergamos do que na mais atrasada escuridão, mal podemos avaliar a alteza da sua purificação terrena pelas obras maravilhosas com que Deus, extrinsecamente, atesta as virtudes dos seus servos fiéis.

Os contemporâneos de Gualter nada — ou apenas ligeiras palavras — deixaram confiado à escrita, que narresse os feitos daquele a que logo depois da morte, começaram a invocar como bem-aventurado. Provavelmente fiados na intensa luz das virtudes que nêle viam brilhar, não supuseram que algum dia viesse, em que se pretendesse reconstruir os dias de peregrinação de Gualter. Escrever-lhe a vida? . . . Para quê? — terão dito. — «Não está aí o seu sepulcro, manancial perene de graças, viaduto incessante dos favores divinos? » É não bastará isso para que o mundo saiba que foi santo, grande e glorioso, o amado Padroeiro? Depois, mais tarde, vieram as consagrações consentidas, aprovadas e promovidas pelos prelados da Igreja. Veio a *elevação* do seu sepulcro; veio a fundação da sua capela; veio a consagração dum dia — «*o qual era de guarda*»; — vieram as suas trasladações; vieram as conduções dos seus restos em procissões de triunfo; vieram as imagens, as estátuas e as pinturas aureoladas; vieram as suas festas com tríduo solene e enriquecidas de plenária indulgência . . . Que mais era necessário?

A perpétuar a sua memória e a comprovar a sua santidade — se de mais provas houvesse mister o mundo, — não estava o seu culto, a devoção dos fiéis em tomar o nome do Humilde Franciscano? (1).

Juntemos a nossa homenagem, as nossas saudações, às que as idades precedentes tributaram ao santo Companheiro de S. Francisco.

Acolhamo-nos à sua intercessão. E roguemos a Deus que nos seja dado ver, em breve, o seu culto solenemente proclamado pela voz infalível do Papa (2).

TH. G.

(1) É' freqüente o nome de Gualter já como nome próprio, já como sobrenome. Nas ruínas do terremoto de 1755 morreu em Lisboa Frei José de S. Gualter Lamatide, natural de S. Faustino de Vizela. Nasceria em 1692.

(2) Advertimos já que S. Gualter nunca foi canonizado, nem mesmo beatificado, embora em documento pontifício se lhe tenha chamado «*santo*», como em números precedentes fica referido.

Por isso salvamos sempre as determinações apostólicas concernentes ao assunto, quando ao Servo de Deus chamamos «*venerável*», «*beato*» ou «*santo*», ou quando denominamos milagres os factos que nas crônicas e outras memórias recolhemos, os quais assim eram classificados nos documentos onde foram colhidos.